

cardeal Mazarino, é aberta a Biblioteca Mazarina, em Paris; é desse tempo, também, a Biblioteca de Cambridge e a de Berlim. Em 1712 é fundada a Biblioteca de Madri e, no final desse século, a Biblioteca do British Museum de Londres. A famosa Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos foi aberta em 1789, sofreu dois incêndios, foi reconstruída e é, hoje, uma das maiores e das mais bem organizadas do mundo.

Voltemos um pouco no tempo, para falar da França, que tanta influência teve, no passado, na cultura brasileira. A primeira coleção de livros de que se tem notícia nesse país pertenceu ao rei Carlos V, O Sábio (1338-1380), grande mecenas, que gostava que os artistas e intelectuais freqüentassem a sua corte. Dessa coleção só resta hoje o catálogo, pois o seu filho, o rei Carlos VI, O Louco, a vendeu ao duque de Bedford, que dispersou os seus livros e manuscritos pela Inglaterra. O rei Luís XI, neto de Carlos VI, O Louco, e filho de Carlos VII, O Vitorioso, reiniciou a coleção, que foi enriquecida, posteriormente, pelas endêmicas pilhagens que os reis faziam nos conventos medievais.

Em Portugal, diz-se que o rei D. João I, cognominado O Boa Memória (1356-1433), tinha uma biblioteca ou livraria, como se dizia na época. D. Duarte, O Eloquentemente (1391-1438), que sucedeu a D. João I, desenvolveu as letras portuguesas, e era ele mesmo bom poeta e escritor. Mandou traduzir obras e nomeou um cronista oficial do reino, Fernão Lopes. D. Duarte colecionava livros. D. Afonso V, O Africano (1432-1481), sucessor de D. Duarte, continuou a sua obra, e, apesar de ter passado a metade de sua vida em guerras e conspirações, conseguiu reunir tantos livros valiosos, que a sua biblioteca, ou livraria, passou a ser considerada uma das melhores da Europa. Mas, existe uma velha tradição que diz: não foram os mosteiros, nem esses reis do século XIV e XV, os primeiros colecionadores de livros de Portugal. Em 959, uma lendária D. Mumadona já transmitia no seu testamento, não se sabe para quem, uma coleção de livros. Mas, nesse tempo, Portugal ainda não existia como país, nação ou reino. Mas, havia o território, o chão. Além do que, lendas são lendas. Entretanto, duzentos anos antes, em 770, já existia a abadia beneditina de Santo Tirso, que só adquiriu fama entre os séculos XVII e XVIII e, como todas as demais, tinha a sua